

Novo Papa

O apelido dado ao Bispo de Roma e Sucessor de Pedro é o mais belo de todos. Papa quer dizer Papá, ou Pai Querido!

Vivemos uma enorme alegria pelo regresso do nosso amado João Paulo II à Casa do Pai e pela aceitação da elevada responsabilidade e grande sofrimento de Bento XVI.

O nome escolhido não é alheio ao período difícil da Igreja vivido por Bento XV e é sinal de que o homem com 78 anos tem consciência plena do peso que assume. Transforma-se assim num apelo vivo e permanente à generosidade dos cristãos jovens e velhos.

O Papa não é um político. É o Homem que o Espírito de Jesus escolheu para O tornar visível. Nada mais há a acrescentar!

Padre Acílio

Malanje

Valor de eternidade

ESTAS cegonhas brancas sempre acompanhando a manada para catarem os insectos que vão esvoaçando na passagem dão vida a esta paisagem de verdura. Hoje, um leve cacimbo e elas juntinhas na copa frondosa duma acácia. Novelo de neve! Maravilha!

É Domingo. Celebrei Missa para o povo das sanzalas que nos circundam.

Admira a fidelidade do catequista na tradução da homilia. Não omite nada! Foi sobre o testemunho que a nossa comunidade cristã tem a obrigação de dar. «Testemunhos do Senhor», sobretudo, frizei a urgência de transmitir a nossa fé aos filhos. Estes, sentadinhos nos bancos, comiam as palavras do nosso catequista.

No ofertório vivo, cantado e dançado, com simplicidade, graça

e ritmo, as ofertas do costume: cana de açúcar, fuba, um cestinho de ginguba, «óbulo da viúva»! O Senhor gosta deles! Povo de Deus!

Quando entro nas cubatas e leio o viver tão simples fico confuso. Uma leitura mais atenta, vira angústia: Não vejo mesa, nem pão, copo de vidro, água pura e fresca e, mais ao fundo, o vazio que é a miséria.

Quanto vale o cestinho de ginguba? Nada paga o que tem o valor de Eternidade!

19/03/2005

LUANDA-MALANJE: O avião vai a uma boa altitude e rebanho de nuvens brancas pasta tranquilo. O meu companheiro no lugar ripa da pasta o «Código da Vinci» e mergulha profundamente.

Alguém chamou ao dito código o «Anticristo» e ao conteúdo — «patranhas». O Autor já vendeu vinte milhões, fez uma fortuna e está-se rindo dos ingénuos mergulhados nas suas patranhas e anti-históricas.

Milhões de jovens ficarão com uma ideia retorcida do Senhor... Causa tristeza. Mas, no fim de tudo, o Senhor é e será sempre.

O avião desce para Malanje. Pelo óculo vejo que uma chuva miudinha cai...

27/03/2005

CHEGOU-ME, hoje, às mãos esta cartinha do Quim, vinda da Madeira, onde dá aulas de filosofia — com sabor a morangos maduros em amêndoas de Páscoa.

«Sei que fizeram um presépio, que não tem musgo nem pinhas, falta a frescura do Inverno... mas tem o calor do amor de todos os meus irmãos que estão nessa Casa. O meu amor por vós mantém-me no calor de Angola.

Nesta hora difícil para toda a Obra da Rua, têm andado pela comunicação social a tentar encontrar defeitos.

Eu sei, eu sinto, eu tenho bem presente todo o amor que recebemos da Obra.

Desejamos o trevo-das-três-folhas, o Natal possível e estarmos numas das casinhas humildes do vosso presépio, numa lareira a rezar muito para que o amor se continue a propagar à humanidade».

Tenho dito — diria Pai Américo.

Continua na página 3

Continua na página 4



Capela de Malanje

Encontros em Lisboa

Pobres

NO meio da azáfama do dia-a-dia, parece que nem temos tempo para parar e olhar à nossa volta para falarmos com as pessoas sofridas que nos aparecem a todo o momento: é a falta de emprego, é a renda da casa, é a luz, é a água, é o gás, são os medicamentos, são os subsídios sempre prometidos e sempre adiados... Há dias em que a paciência se perde e, por muitas voltas que se dê ao pensamento, parece que tudo é estranhamente escuro, sem saída, como se houvesse ali um muro intransponível.

Depois vem o canto da sereia de vidas fáceis, compras baratas, créditos de qualquer maneira... Pobre que sempre o foi, parece habituar-se a esta sina de nunca ter nada e continuar a sofrer, mas os mais novos? Estes deixam-se encantar pelas vidas prometidas e que eles não alcançam, frustração sobre frustração quer a nível escolar, quer a nível da formação profissional, quer a nível da procura de emprego... Carpindo mágoas em cantos escuros, com colegas de infortúnio, até que surge no horizonte o afoitar-se a um pequeno roubo, depois outro e, depois, sonhos de novas aventuras... Aí temos grupos organizados que, de dia para dia, fazem subir a parada de vidas marginais, única forma de aceder à vida prometida das publicidades.

Espero que quem nos governa olhe para os pobres mais pobres e, neste momento, fazem parte desse grupo os jovens que tiveram insucesso nas escolas ao nível do 2º e 3º ciclos e para os quais não tem havido alternativas. São proibidos de encontrar trabalho antes dos dezoito anos e a formação profissional adaptada e credível não aparece.

Festas

As nossas Festas iniciaram-se e temos tido boa recepção. Os amigos encontram-se connosco e os nossos rapazes procuram dar o melhor que podem. O nosso Tempo Pascal será preenchido com as nossas Festas.

1 de Maio — Domingo, às 15h30, rumamos até ao Salão dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras. Esperamos casa cheia.

7 de Maio — Sábado, às 15h30, vamos apresentar-nos no nosso Concelho, em Loures, no Salão da Câmara.

22 de Maio — Domingo, às 15h30, no Cine-Teatro de Castelo Branco.

Que Deus abençoe esta nossa actividade!

Padre Manuel Cristóvão

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

REALIDADES PREOCUPANTES — Os doentes são a nossa cruz, especialmente os mais idosos. Vá lá que não faltam os remédios — de conta dos nossos Leitores — que aliviam os seus males. Só na farmácia pagamos, mensalmente, entre duzentos a quatrocentos euros. Um grande alívio dos Pobres! E Deus permita que possamos servir, sempre, nestas circunstâncias, todos os que precisam!

Tivemos, agora, a necessidade de pedir a uma colectividade para levar um canceroso ao Porto. Todas as mãos se abriram ao pobre homem que muito sofre.

Independentemente disto, procuramos dar um donativo regular a idosos, doentes, viúvas que não têm quê para sobreviver. E roupa, também.

Noutro aspecto de ordem social, lemos uma nota que topámos sobre a situação do emprego a nível geral, não só em Portugal como em todo o Mundo. Aí está:

«O livro 'Trabalho na economia e na sociedade portuguesas do Século XXI' constitui um protesto e uma denúncia da situação do emprego e não só em Portugal mas também no Mundo.

O livro revela números, no mínimo, preocupantes relativamente à percentagem de trabalho precário que existe actualmente. Durante a leitura do livro é possível constatar que em Portugal 21% da população tem emprego precário e 60% dos jovens licenciados não têm um vínculo laboral estável. Perante este panorama, Manuela Silva, autora da obra, defende que o trabalho vai mais além do modelo de organização construído com base na sociedade industrial.

A coordenadora do livro defende que deve ser criado um novo conceito de trabalho, que assente na 'criatividade, no trabalho parental e até na própria participação cívica'.

PARTILHA — Assinante 49864, de Rossas (Arouca), com trinta euros e roupa.

Coimbra, o excedente do assinante 76160, de «liquidação da assinatura d'O GAIATO, que será pouco para socorrer os mais necessitados. A minha doença tem-se agravado..., recebi informação de que foi deferido o pedido de reforma por invalidez».

Cinquenta euros, da assinante 32925, da Guarda: «Continuo a apreciar muito o vosso Jornal. Desejo que os vossos Pobres aliviem a sua situação...»

Um vale de correio, de 15 euros, da assinante 71633, de Torres Novas. E outro, de 100 euros, da assinante 78985, de Travanca (Cinfães).

Quarenta euros, do assinante 77637, de Lousada.

Cem euros, de D. Lili, de Santo Tirso — com a amizade de sempre.

Mais 35 euros, de Lourdes, de Cacém, «pósinhos dados com muito amor. Cada vez admiro mais a vossa Obra, a vossa coragem e devoção pelos Pobres. Continuo a pedir muito a Deus pela vossa saúde». Obrigado.

Cento e vinte euros, pela mão do assinante 60615, de S. Mamede de Infesta.

Cem euros, do assinante 75292, de Bucelas, «para a necessidade dos mais Pobres».

Assinante 9790, de Perosinho, com «pequena ajuda, de 85 euros, e votos de muitas graças do Senhor para a vossa Conferência. O santo Padre João Paulo II partiu para o Pai. Que o Céu o receba na Sua Glória e interceda por todos nós — pecadores.»

Para todos, em nome dos mais necessitados, um muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Santo Antão do Tojal

O meu cantinho

Vejo muitas pessoas à minha volta, Algumas entenderei...

Não entendo mais nenhuma

Porque elas não me entendem,

Eu sei...

Vamos para as camaratas ver televisão E alguns vão brincar,

Quando o sino toca

... até às oito horas.

Depois sentar-te à mesa

É a coisa que mais adoras!

Depois com a barriga cheia

O João («Preto») manda levantar

E todos emocionados

Vamos ver o Benfica jogar.

Durante a semana,

Às nove horas,

É tempo de estudar.

Às dez e meia, cansados,

Lá vamos nós dormirar.

Marco Daniel

(2.º ciclo do E. B. Recorrente)

Paço de Sousa

DESPORTO — Os Juvenis receberam a A.C.D. de Duas Igrejas (Penafiel), a quem ganharam com golos de «Bolinhas» (2), Abílio (2) e Teixeira, de grande penalidade. Um jogo bem disputado por ambas as equipas.

Já os Seniores receberam o Grupo Desportivo da Venda de Baixo, que aproveitaram a folga do seu campeonato para vir até nossa Casa realizar um jogo que nos deu «água pelas barbas». Não fomos além de um empate, com um golo do «Bonga». Tudo correu bem, mas podia ter corrido melhor, se os nossos não fossem tão perdulários nas oportunidades que tiveram.

No dia 13 de Março, os mesmos Seniores realizaram um jogo com um grupo de amigos do Daniel «Cenoura». Como reforço, vieram alguns bem nossos conhecidos, como por exemplo: Flora, Nelito, Nilton, «Balão», «Albufeira», o próprio Daniel, etc.; tendo faltado ainda o Américo, que não compareceu no local indicado. Comentários a este jogo não fazemos... Ganhamos por 5-2 e ponto final.

Onde não é possível pôr ponto final, é nos jogos dos Infantis. Estes receberam o F. C. Canelas (Penafiel) e, como sempre, foi uma tarde onde rei-

nou a alegria e a boa disposição. A assistência que normalmente acompanha estes miúdos, procura paz e proporciona bom ambiente. Como, por exemplo, a buzina do carro do nosso Padre Acílio que parecia ter colado, aquando do nosso primeiro golo. É bom sinal! Os mais velhos estavam a treinar, mas não estavam sossegados. De vez em quando, lá vinham dar uma vista de olhos.

Joaninha marcou o primeiro golo. É um miúdo franzino, mas joga a bola com paixão. Joel fez dois a zero de grande penalidade. Parecia que dava em «doido» de tanta satisfação, por ter marcado o seu primeiro golo. André «Garnisé» marcou um golo daqueles de se lhe tirar o chapéu. Resultado final e justo um empate a três golos. Para quem tiver problemas de stress, o melhor remédio é ver os nossos Infantis a jogar. É um verdadeiro tranquilizante!...

CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO

— Mais um desafio de futebol, mais um convívio. Desta vez com os nossos Rapazes de Miranda do Corvo, que vinham alegres e bem dispostos. Também tivemos a presença do nosso Padre João, que muito estimamos. Recebemo-los com carinho e da melhor maneira. Padre Acílio foi o cicerone; Padre Manuel Mendes trabalha nos bastidores para que nada faltasse, como nada faltou graças a Deus. Há quem festeje o Natal só em Dezembro, nós, cá em Casa, procuramos fazer Natal muitas vezes durante o ano!

No que diz respeito ao jogo, não podia correr melhor. Um jogo bem disputado do primeiro ao último minuto, por ambas as equipas. Não houve cartões amarelos nem vermelhos. Quando o árbitro está à altura dos acontecimentos, os atletas também sabem corresponder da melhor maneira. Este árbitro esteve no Gil Vicente-Marítimo. Nós não brincamos em serviço! No entanto, foi necessário acalmar alguém que se encontrava no banco da equipa visitante, por duas ou três vezes, porque, pelos vistos, estava difícil de digerir a derrota justa e convincente, imposta pela equipa da casa, por 3-0, já que o nosso guarda-redes defendeu tudo que havia para defender. Um verdadeiro herói! Dissemos alguém do banco, sim, porque os atletas que se encontravam dentro e fora das quatro linhas, nenhuma reclamação fizeram, demonstrando assim, bom senso e conscientes da realidade dos factos.

No outro jogo que se realizou entre o Tojal e Setúbal, registou-se a vitória da equipa da casa por 2-1. Pelos vistos, nem tudo, mais uma vez, foi um mar de rosas.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

FUTEBOL — Começámos bem o torneio de futebol Inter-Casas, com o primeiro jogo entre a Casa de Miranda e de Paço de Sousa. O convívio foi muito bom. O resultado, de todo o menos importante, sorriu à nossa equipa. Houveram algumas picardias entre os rapazes, mas são pormenores inerentes ao próprio jogo. No final merendámos todos juntos.

O segundo jogo foi na Casa do Tojal. Fomos muito bem recebidos. Perdemos, mas este perder soube-nos

a vitória, porque, mesmo os nossos jogadores sentiram um ótimo acolhimento. Acima de tudo, salvou-se o mais importante: o convívio entre os rapazes das duas Casas. E é neste contexto que vale a pena fazer o Inter-Casas. Em minha opinião, para o futuro, a Casa organizadora, seja ela qual for, deveria atribuir 4 taças pela disciplina, porque este Inter-Casas é uma forma de convívio entre irmãos, e é neste fundamento que se organiza este torneio, pois, se assim não for, seríamos o primeiro a desistir.

Sugeria que a finalíssima do Inter-Casas fosse jogada na Casa do Gaiato de Setúbal que, este ano, faz as «Bodas de Ouro», completando 50 anos de existência. «50 anos não são 50 dias, mas, sim, uma vida».

Felicito a Casa do Gaiato de Setúbal pelas cinco décadas da sua existência, e peço ao responsável da Obra da Rua, o nosso querido Padre Acílio, que também tem ligações muito fortes à Casa de Setúbal desde a sua fundação, que a final do torneio Inter-Casas seja em Setúbal, para que os Gaiatos daí sintam a sua festa mais bonita, animada e participada por outros Rapazes das outras Casas do Gaiato.

José António R. Silva («Chola») Treinador da Equipa Desportiva da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

Setúbal

BAPTISMOS — O Abel e o Daniel Carreira foram baptizados na Vigília Pascal, e fizeram a Primeira Comunhão.

Cartas dos Leitores

Aceitai a cruz

«Pelo facto de muitas pessoas se manterem silenciosas em relação ao que se passa convosco actualmente, não quer dizer que não tenham manifestado em muitas circunstâncias o seu profundo repúdio pelas calúnias levantadas a vosso respeito. Abordei com várias o assunto mostrando até os números de um diário que abordam a festa no Tojal e a entrevista 'Diga lá Excelência' e todas sentem o mesmo: É uma Obra da Igreja. não vale a pena dizer mais nada!

Compreendo que vos seja muito difícil aceitar todo este amontoado de injustiças, mas talvez fosse a melhor altura de mostrar ao mundo que só tendes um Livro pelo qual vos orientais: o Evangelho. E um único Mestre — Cristo.

Que mais provas serão precisas para o demonstrar?

Aceitai com ânimo esta cruz! No Céu tendes um Santo a interceder por vós e cá em baixo tenho a certeza que não vos faltarão Cireneus que vos ajudem a levá-la até ao Calvário.

Assinante 26308.

Tarefa difícil

«Todos sabem não ser fácil a vossa tarefa, mas Deus nunca falta

Escolheram os padrinhos e ficaram muito contentes.

TORNEIO INTER-CASAS — Fomos a Miranda do Corvo, no dia 2 de Abril, e empatámos o jogo 4-4. Foi equilibrado e bem disputado. Estivemos a ganhar, mas os de Miranda conseguiram chegar ao empate no tempo de compensação.

No dia 16 de Abril, fomos à Casa do Tojal, e perdemos por 2-1. Eles marcaram um golo de penalty. O «Pipas» defendeu, mas de recarga marcaram. O «Barroso» marcou o golo do empate. Da falha do «Ricardinho», pontapé de bicicleta, eles marcaram o segundo golo.

O próximo jogo será em Casa com os de Paço de Sousa, a dia 30 de Abril. Esperamos que seja a nossa primeira vitória.

OBRAS — O senhor Paulo e o Garcia acabaram a fossa da lavandaria. Agora, andam a terminar o arranjo da casa de banho da casa 2.

CAMPO — O Amândio, com a cisterna, espalhou o esterco na terra. Depois lavrou o terreno. De seguida gradou a terra e pôs herbicida. Pegou no tractor com a máquina de semear a batata com dois lugares atrás, e com mais dois rapazes, o «Rabaças» e eu, fomos semear as batatas.

ENSAIOS — Já começaram. O Hélder, o «Ricardinho» e o «Chainho» andam a ensaiar um grupo de rapazes para as Festas. O «Ricardinho» e o «Chainho» ensaiaram as danças e o Hélder os números cómicos. Esperamos que as pessoas não faltem às nossas magníficas Festas.

Horácio

com o Seu auxílio àqueles que desinteressadamente se entregam em prol dos desprotegidos, de uma sociedade que, não sendo capaz de dar solução a um problema que originou, ainda se atreve a, lá dos cadeirões dos seus gabinetes, dar lições sobre 'métodos' de bem educar! Que leiam os maravilhosos ensinamentos do Pai Américo.

Assinante 64058.

Grande emoção

«Senti uma grande comoção, quando vi, através da Rádio Renascença, uma falta tão grande de amor pelo próximo, que ainda hoje não estou recomposta.

Que Deus vos ajude a todos, dando perdão aos que nada sentem de amor ao próximo.

Muitas felicidades para todos os rapazes.

Assinante 57286.

Educar

«Tenho acompanhado o que tem vindo a público sobre o assunto.

Não aceito de mão beijada o que está sendo divulgado. Há uma realidade social, que é o ambiente normal donde provêm estas crian-

Pão de Vida

Pescaria

UMA tendência humana, muito natural, é para o desânimo e a dispersão.

Alguns serventes de mesa, incautos, às vezes, aninham na copa travessas ou pratos com alimentos. Quando é peixe, acontece com frequência um consumo diminuto.

Uma passagem pela copa foi ocasião para corrigir alguns estragos.

Não podemos deixar de remar contra esta maré.

Para darmos de comer aos nossos filhos, não fazemos acepção de dádivas, que são uma responsabilidade. Os nossos vínculos constituem uma rede grande de amizade.

Uma autoridade fiscalizadora da actividade piscatória, a cada passo, comunica-nos a apreensão de pescado ilegal e a consequente atribuição à nossa Casa.

Deslocámo-nos, então, ao porto de pesca, para recolhermos o peixe que não podia ser comercializado, devido à sua pequenez.

Alguns pescadores, com malhas apertadas, arriscaram-se a capturar

sardinhas que não tinham, ainda, atingido o tamanho exigido.

Esta transgressão tem sido um regalo, pois é uma das excepções nos gostos dos rapazes. Os hábitos alimentares têm seguido direcções contraditórias, como a multiplicidade de doçuras, que desequilibra a nossa dieta.

Outrora, na nossa costa abundava esta espécie piscícola e a indústria conserveira desenvolveu-se.

Doutra vez, um pescador jovem do litoral, que vai para longe, bisou a entrega de um peixe graúdo. No alto mar traz estes rapazes no coração e confiou-nos um espadarte, para delícia da nossa Comunidade.

Setúbal

A Boa Nova destina-se aos Pobres

TODO o enviado pelo Senhor Jesus, em missão, vai destinado a evangelizar os Pobres. O modo como se põe a caminho, levando só o essencial para a caminhada, reveste-o da mesma condição daqueles para quem se dirige.

A Boa Nova dos evangelizadores destina-se aos Pobres, pois só estes é que a recebem. Levam a Palavra de conforto e de esperança que os irá alimentar. Transportam a graça de Deus, que se lhes irá manifestar de diversas formas.

Será o pão da Palavra que traz luz e anima; será o pão corporal partilhado na fraternidade; será o Pão consagrado que faz germinar,

crescer e dar fruto, sem que ninguém saiba como.

Nem sempre é bem recebido o mensageiro da Boa Nova. Em terra de ricos, a Novidade que lhe foi dada espalhar, é muitas vezes rejeitada. Quando tal acontece, a conselho do Mestre, sacode o pó dos pés como juízo contra eles, e segue o caminho, imperturbável.

Eleição do novo sucessor de Pedro

APROXIMANDO-SE a hora da eleição do novo sucessor de Pedro, fazem-se ouvir muitas vozes sobre quem será ele. Visões mais ou menos estratégicas e sábias (?) opinam sobre a conveniência deste ou daquele, para o momento histórico que vivemos.

Quer venha de África, da Oceânia ou da Ásia, será o escolhido de

Deus, eleito pelos homens a quem foi dado o dom de eleger.

Será sempre um Enviado, para continuar a Missão inacabada nesta terra, de resgatar os que são chamados à liberdade dos filhos de Deus.

Será também um perseguido, mesmo por alguns daqueles que se despediram do seu antecessor e lhe ergueram monumentos.

Será por vezes rejeitado, porque a sua palavra se há-de dirigir aos Pobres.

Nos continentes onde a força dos bens materiais ainda não chegou ao coração dos homens, a sua palavra é esperada e os seus colaboradores são desejados. A força da Fé fará correr para lá rios de água viva, sem que isso se faça ouvir nas praças, e não seja, nos nossos dias, proclamado nos telhados.

Os Pobres esperam o novo eleito. Os Pobres anseiam pelo que lhes for enviado.

Padre Júlio

Direitos da Criança

Continuação da página 1

Mais do que o tribunal e as leis, prevaleceu o amor pela criança.

A mãe biológica reconheceu que o fruto do seu ventre pertencia a outro coração que não ao seu, e teve a coragem de se vergar à evidência!...

Mas... Quantas progenitoras por esse submundo negro, terão discernimento e consciência, e não exigem o fruto das suas entranhas apenas por mero interesse económico, instinto primário, satisfação afectiva, sem olhar ao bem dos filhos?!... Quantas!, e quão dolorosas batalhas têm os Padres da Rua

travado neste campo, ao longo de muitas décadas, com as mães, com os chamados técnicos e com os tribunais?!... — Movidos somente pelo melhor bem das crianças?! — Dores e mais dores com os fracassos e as tragédias humanas à vista? — Nos tribunais ficam os papéis.

Os dramas ficam nas vidas e na sociedade.

Não devemos considerar os Padres da Rua como cientistas, mas não lhe podemos chamar teóricos. A sua competência vem-lhes de andar na rua. Contactam continuamente com as dores mais fundas da humanidade. Assumem os pobres como sua família. São

pobres como os mais pobres. Por isso sangram com sentenças levianas e leis imaturas, sentindo-se atingidos no mais fundo da consciência e da fé quando estas se revelam contra a humanidade das crianças. É como se estivéssemos diante de uma verdade de fé que nos obrigam a negar. A evidência esmaga-nos e nada podemos fazer. Só nos resta chorar.

Tivemos também queixa de um menino «internado» desde meses, num centro de acolhimento tutelado pela Segurança Social à espera de ser dado para adopção tendo construído com as senhoras que o criaram, como mães, um verdadeiro ninho afectivo e, agora, com seis anos, é transferido para um colégio longínquo!...

Padre Acílio

ças. Todas são marcadas negativamente por uma vida dura, muitas vezes desumana.

Pai Américo sonhou uma vida de família para estas crianças. Todas têm direito a uma família. A sociedade preocupa-se com o secundário, esquece ou ignora que só um ambiente de ternura dará o equilíbrio educacional e psicológico do crescimento. Não bastam condições materiais. Só os laços educam, criam afecto.

Sei que há problemas. Noutros tempos acompanhei de perto crianças nessa situação. Era difícil! E só tinha preocupações lúdicas nuns estritos quinze dias. Educar, educar para a vida, com a

aprendizagem de todo o necessário para se defenderem da vida é bem mais custoso. Os Padres da Rua abraçaram esta difícil situação. É sonho! É utopia!

Daqui saúdo esses Padres. Não têm vida fácil. Sabem o que abraçaram. Sabem em Quem confiam. A pedagogia que praticam é humana. Os Padres e todos os servidores estão sujeitos ao erro. São humanos. O importante é que não desviem os olhos dos objectivos que os motivam.

Termino com uma oração pela perseverança desses Padres e pela sua coragem evangélica ao serviço dos mais Pobres.

J. Soares».

Repúdio

«Tenho visto, na TV, uma certa polémica por parte de certas pessoas mal intencionadas e, talvez, por inveja da vossa Casa, em manterem uma instituição ao mais alto nível em educação e carinho pelos mais pobres e menos protegidos pela sociedade.

Eu junto-me aos milhares de pessoas de carácter bem formado que têm enviado mensagens de repúdio contra essas pessoas mal intencionadas, com certeza que não tiveram uma infância infeliz nem sentem na carne os espinhos da pobreza.

Estes sinais trouxeram à nossa mente, nestes dias, o episódio evangélico da pesca.

A experiência piscatória de Pedro e dos companheiros dava-lhe aparente vantagem sobre Jesus, mais familiarizado com os rebanhos.

Tinham andado toda a noite na labuta e nada apanharam. Eis que se aproximou deles o Mestre, também fatigado, pela compressão das multidões. Subiu para a sua barca e desafiou aquele pescador do mar da Galileia a lançar as redes mais longe.

Foi um apelo à confiança, para saírem fora deles e procurarem, com Ele, o sonho que os alimentava, de uma pesca abundante.

No Domingo de oração pelas vocações, ecoou vivaz a mensagem do grande Papa João Paulo II, chamando a fazermos-nos ao largo — *duc in altum*.

Há jovens desmotivados da aprendizagem escolar e arredios à ocupação. O ambiente social apela à leveza. Os esforços parecem inúteis, tal como aconteceu com os primeiros discípulos. Difunde-se

uma certa mentalidade de descompromisso pessoal e de gozo passageiro. Usar a vida como se fosse uma pastilha elástica.

Há dias, chamaram o André e ele ouviu e não respondeu. Quando alguém nos chama e pelo nome, é porque precisa de nós, para oferecermos as nossas mãos e lançarmos as redes à distância, não ficando aterrados nos momentos de fracasso. As ondas da Graça não nos submergem. Bem pelo contrário, envolvem a nossa vida, que não é para lançar fora da canastra, como o peixe podre; mas, é para aproveitar toda, nos dons que recebemos e podem desabrochar, segundo a largueza do nosso coração.

Pedro emergiu na Igreja das origens, embora parecesse um pescador temeroso. Contudo, quando foi apanhado na grande rede do Mestre, não deixou de atrair os amigos para o espanto da barca, cujo leme acabou de ser transmitido, como uma bênção para o Povo do Senhor!

Padre Manuel Mendes

DOCTRINA



Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue

ESCUTEM hoje o que o Porto ouviu no posto emissor da «Invicta»: Eu sou aquela voz que se levanta em Portugal a favor das imensas legiões de pequeninos que vagueiam abandonados pelas ruas e caminhos, sem família, sem amigos. Herdeiros forçados da miséria social. Fiadores da Humanidade. Património da Nação. Sou a voz que se levanta. Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue.

NÃO pretendo hoje dizer nada da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que fica a uns trinta quilómetros de Coimbra, onde quarenta rapazes que foram ontem vadios das ruas encontraram a forma do seu pé e são agora felizes no amanhã quotidiano da pequenina quinta que usufruem. Na verdade o nosso sistema de educação exclui absolutamente o emprego de pessoas estranhas. A nossa divisa é «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes»; e isto verifica-se em todas as actividades domésticas. Para tanto, basta dizer que, se alguém entrar hoje na pequenina Comunidade de Miranda do Corvo, observará uma Casa de trabalho com vida plena, onde quarenta garotos que foram ontem dos caminhos, se bastam e se realizam, havendo unicamente um professor e uma senhora para os orientar. Mas eu não pretendo falar mais nem ir mais longe com a Obra de Coimbra, para ter tempo de dizer algumas palavras acerca da Casa do Gaiato do Porto, sita na freguesia de Paço de Sousa, a uns trinta quilómetros da cidade.

EU tinha muita pena de ver nas ruas do Porto a imensidade de pequenos párias a dormir nos beirais das casas e até nas retretes públicas! Observava-os nas vezes que vinha de Coimbra a esta cidade, a retirar dos caixotes de lixo despojos de comida e a apanhar cascas de fruta do chão. Sabia, pela história que eles mesmo me contavam, da tragédia pavorosa em que as suas pequeninas vidas se iam desenrolando, para fazer mais tarde a pavorosa tragédia da vida social que ora se desenrola! A experiência destas coisas deu-me a paixão pela sorte de tanta criança sem ventura e levou-me a fundar, para seu refúgio, a Casa do Gaiato do Porto.

D. Amén. 5.1

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Assinante 26162».

Tribuna de Coimbra

O Sandro, o Marco e o Bruno

TUDO o que há na vida de bom, belo, e consistente, tem, na verdade, a marca da Cruz. Por mais que queiramos olhar a realidade de outro modo, é neste horizonte que ela adquire densidade. É ela que a transforma. Numa sociedade como a nossa, tão caracterizada pelo culto daquilo que é efémero e accidental, o horizonte da Cruz apresenta-se-nos sempre como algo incómodo pelo apelo que faz à transcendência dos gestos, atitudes, e o desafio ao dom de si mesmo.

Nós, na Obra da Rua, experimentamo-la de forma contundente. Está em cima de nós! A nossa proximidade e o imediatismo envolvente com os problemas dos Pobres com nomes, histórias e incapacidades, torna-nos permanentemente vulneráveis. Tal como o Homem das Dores, esta sensação de fracasso desaba sobre nós.

Em Setúbal procurei pelo Sandro. A lembrança do seu drama familiar nunca me abandonou desde que o trouxe de uma das «Musgueiras». Era ainda adolescente quando uma das irmãs lhe

sugeriu o regresso. O rapaz ficou «louco». Não pensava senão em regressar. Senti que não tinha muito que fazer: ou entrava no processo, ou ele ia mesmo por ele contra todos. Intei-me da situação da irmã e fui por aí abaixo direito a Setúbal. A situação não me pareceu má e isso tranquilizou-me. O rapaz ficou, mas os projectos foram ficando rejeitados pelo caminho: formação profissional, acompanhamento psicológico e outras oportunidades de emprego. Nada resultou. De recusa em recusa teme-se agora o pior, soube pela irmã a quem procurei por ele.

O Marco foi diferente. O insucesso na escola estava a marcar a rotina do seu dia-a-dia. Havia formação profissional no seu horizonte, mas as ofertas ao nível do 2.º ciclo cada vez são menos e os alunos com insucesso aumentam. Os manuais escolares densos e a multiplicidade de disciplinas desmotivam. De permeio o aceno da família com a oferta de emprego fácil embora saibamos ilegal. O Marco nem permitiu que discorássemos. Foi por si.

Por último, o Bruno. Dezasseis anos e um 8.º ano promissor, pelo caminho. A Páscoa trouxe a mãe que pelo Ano Novo tinha ido ele. Era uma ligação bonita que, obviamente, estimulávamos e favorecíamos. Mas faltou o bom senso e o rapaz foi atrás da mãe e esta com ele, irracionalmente. Um ano escolar perdido que de pouco valeram os nossos conselhos. Apenas uma mensagem no telemóvel explicava: «que estava (?) consciente de não ter tomado a decisão certa, mas desejava ficar junto da mãe...».

Humanamente não sei que outras voltas se poderiam ter dado para que a vida destes miúdos tivesse tomado outro rumo... Tenho a sensação de termos ficado a meio do caminho num projecto que poderia ser feliz. Os problemas são muitos e complexos. E quando o assunto se chama educação, cuidado com as soluções livrescas ou de manual... Espiritualmente sinto e continuo a percorrer estações novas da Via-Sacra, em tempo de romaria pascal.

Padre João

PENSAMENTO

O que não pode a força nem a ciência, pode o amor.

PAI AMÉRICO

Evolução

O que escrevi a quinzena passada divagou, mas nasceu de um artigo de opinião publicado há semanas. Como não somos um jornal de actualidades e o pensamento não é assim tão rápido no seu evoluir, julgo oportuno voltar ao tema.

O texto lido nada expressa a nosso respeito, mas tem por título «Casas e gaiatos» e é ilustrado por uma grande e bela fotografia, um pouco desfocada, que retrata pequenitos nossos brincando na avenida que dá acesso à Aldeia, num à-vontade e alegria que sugerem felicidade. Não tenho portanto qualquer intenção polémica, mas de complementaridade. À competência científica que assiste a Investigadora e o Pediatra autores do texto, quereria juntar a experiência de vida que ao longo de meio século nos assiste. E esta permite-nos constatar que, no meio de um mundo que mudou imenso, as crianças e jovens de hoje são essencialmente iguais às de então: famintas de amor. Mais: naquele tempo, esta fome era acompanhada e frequentemente causada pela fome de pão; hoje, a pobreza que no-los traz, é, sobretudo, de ordem afectiva. E neste ponto a situação social agravou-se: aquela fome não é exclusiva dos *meninos de rua*, mas vai-se insinuando no seio de famílias ditas normais. As mães ausentes e diminuídas na sua disponibilidade pelo cansaço do trabalho profissional, a somar ao das tarefas domésticas; as crianças entregues, desde pequeninas, em mãos mercenárias que, por muito qualificadas que sejam, não deixam de sê-lo. Os vínculos familiares debilitam-se. Depois, multiplicam-se as queixas da rebeldia da juventude, da proliferação das tragédias da droga, da sida, de mães adolescentes... Queixas sem razão e sem remédio, porque não são os jovens que pioraram; foi o mundo que mudou e produziu moldes onde os jovens caem com a ingenuidade e fluidez que lhes é natural e adquirem a forma que o mundo lhes proporciona. É a obsessão, é o império dos interesses económicos a asfixiar a paixão do humano. Será isto evolução? Será esta a norma a que hão-de ser submetidas as novas gerações?!

Manchete destacada no texto de onde brota este meu discorrer, diz assim: «As crianças desprovidas de meio familiar obrigam-nos a ser exigentes». Que bem! Obrigam-nos a dar-lhes o essencial do que lhes falta: amor. Mas o amor não se compra, recebe-se e dá-se. Recebe-se da Fonte que no-lo dá sem preço nem outro compromisso que não seja dá-lo também gratuito. Gratuito e sem fim, porque só é amor autêntico o que conduz o homem, por entre a sua pequenez e limitações, atrás do Mestre que «in finem dilexit» e nos deixou a totalidade do Seu Mandamento no «amai-vos como Eu vos ame!».

As profissões do Social implicam, por sua natureza, vocação. A «exigência» atrás preconizada — e muito bem, repito — obrigaria a uma selecção de candidatos, tendo em vista este carácter. Que eu saiba, nesta área como nas demais, nomeadamente nas da Saúde, abundam Escolas e cursos superiores a que se acede só pela classificação levada do ensino secundário — critério que, se diz alguma coisa, não leva a muito lado. Caminhos, sim, para um possível emprego no futuro, são a motivação da maioria. Também no Ensino, o dramático insucesso escolar tem alguma causa na falta de vocação para ele em muitos dos seus agentes, os quais, em tempos não muito recuados, encontravam ali o último refúgio para se empregarem, posto fosse outra a sua formação. Infelizmente, hoje, em todas estas áreas reina o desemprego. Mas se a «exigência» em que vimos falando fosse uma realidade, a área do Social seria talvez ainda carente de quem nela ganhasse a sua vida, gastando-a com paixão. E então, sim, haveria algo mais parecido com Família a responder e dotar «os desprovidos de meio familiar».

Mas o problema de base que deveria preocupar e absorver os responsáveis da *coisa pública* e os sociólogos seus acesores é a Família: as condições económicas e éticas que a fragilizam. Procurar resolver a montante as causas de ordem económica e moral que produzem este caudal crescente de «crianças desprovidas de meio familiar», até em estratos sociais de onde não seria de esperar tal efeito. Desgraçadamente não se nota «vontade política» para tal. Antes a Família aparece como alvo de «forças» que miram a *célula fundamental* para minar o corpo todo.

Como o Homem anda longe de si mesmo!

Padre Carlos

Benguela

Vida familiar

DEPOIS duma corrida pelos vários cantos da nossa Casa, onde há vida, sento-me a escrever. Passei, em primeiro lugar, pelas oficinas. Vi mais duma dezena de rapazes, na serralaria, nos seus tempos livres de escola, a trabalhar em tubo de ferro, com a máquina de cortar e o aparelho de soldar. São todos estudantes, desde o 2.º nível até à 12.ª classe. Fabricam carteiras escolares que vão encher as salas de aulas vazias, espalhadas pela Província. Outros dão o seu jeito e ocupação na oficina de carpintaria. Mais um grupo trabalha na secção de pintura. A escola também ocupa alguns deles a dar aulas, em substituição do respectivo professor que faltou. Na cozinha está o Domingos Leonardo que ajuda a mana Tita. E mais, e mais.

Bem sei que não há perfeição em tudo. Basta-nos saber o que estamos a fazer e para onde vamos. O caminho de educação faz-se com o suor da paciência. A Esperança deve ser a atitude espiritual de todo o educador. Dois deles estiveram presos, alguns meses, na penitenciária de Benguela, por crime de roubo qualificado, dentro da nossa e sua própria Casa. Não vos falei nunca desta grande tristeza, porque foi meu desejo guardá-la para nós. Agora, que chegou o momento do seu regresso a Casa, com a alegria ensopada na Esperança, é a hora de vos falar. Alguns dias antes da soltura, a Senhora Delegada do Ministério Público perguntou-me sobre o destino a dar a estes dois filhos. Respondi, sem hesitação, que o seu lugar era a Casa onde saíram. Guardei nos meus olhos a admiração e o espanto espelhados

no seu rosto. Ela não esperava uma resposta tão pronta e decidida. Já estão em nossa Casa. Um deles continua a estudar. O outro faz a sua preparação profissional para a vida futura.

Tudo se passa ao jeito da vida familiar. Pai Américo não quis outro padrão de vida para a Casa do Gaiato. É justo que se dê a cada um aquilo a que tem direito. A criança que nos bate à porta anda à procura de quem lhe ofereça a sua vida, durante as vinte e quatro horas do dia, ao jeito do pai e da mãe. Quem nos dera! Este é o nosso ideal que ninguém deve deturpar. A experiência diz-nos que, apesar das deficiências que nos acompanham todos os dias, não há razão para desanimar. Tocamos no sentido da justiça presente no comum dos rapazes que descobrem em nossas vidas o dom total para eles. Se há excepções, porque estranhar? Não acontece algo de semelhante em outros filhos que nasceram e cresceram num ambiente familiar natural e normal?

Nestes dias, tenho pensado muito na missão do pastor. Gosto de ver os pastores do nosso rebanho de ovelhas e carneiros. Porque ontem celebrámos o Domingo do Bom Pastor, estou impressionado com a figura do Pastor. Ser pastor verdadeiro é o papel do educador. É uma figura cheia de ternura, sim, mas forte, vigorosa, decidida, louca de amor até ao ponto de oferecer a sua vida pelo seu rebanho, sem outra recompensa senão a de ter amado. Assim vejo os padres da rua e as senhoras com suas vidas queimadas e oferecidas em holocausto pelos filhos sem família. Em contraste, aparece-nos a figura do mercenário que, a pre-

texto de cuidar do rebanho, à sua maneira, quer entrar no redil em busca dos seus interesses pessoais também. Não é, de modo nenhum, a figura do pai e da mãe. Quem dera todos fôssemos pastores verdadeiros!

Estou a sentir e a viver, nesta hora, o que escrevo. Vejo a nossa enfermaria com alguns doentes do paludismo. São os mais pequeninos, por isso necessitados de mais cuidados. Com os baldes de soro com quinino dependurados, pedem acompanhamento mais presente. Quanta ternura! Quanta paciência! Só um coração de mãe a pulsar todas as horas do dia por eles!

Padre Manuel António

Malanje

Continuação da página 1

01/04/2005

FOI reunião dos padres seculares-diocesanos com o seu Bispo na casa de Retiros da Carrianga: Um tema, comentários, impressões e convívio fraterno.

Esta casa, propriedade da Obra da Rua, foi semi-destruída pela guerra. Fomos recuperando e com a ajuda da *Propaganda Fidei*, demos o ajuste final. Conforme condição da *Propaganda Fidei*, tem servido para Retiros, cursos e reuniões.

Valeu a pena?

Se o Senhor esboçar um sorriso no meio daqueles campos de verdura, já valeu.

Pareceu-nos fraca a relação Obra da Rua-Casa de Retiros... Será? O próximo Retiro vai ser com os nossos rapazes mais velhos. O carreiro fechado pelo capim, pouco a pouco, vai abrindo.

Padre Telmo